

RELIGIÃO E ETNICIDADE NA CULTURA POPULAR

A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança - Pará*

Dedival **BRANDÃO DA SILVA**
Antropólogo, atuando junto
ao Museu da Universidade Federal do Pará.

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo retratar a história da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, fundada em 1798, procurando perceber o seu espaço como um campo delimitado de lutas, de estratégias políticas, com vista a construção e a sustentação de uma identidade étnica, que permeia a maior parte de sua história, e que é mantida nos dias atuais sob a forma de uma identidade social. Captar o sentido da passagem de uma possível consciência étnica sustentada pelos primitivos negros escravos da antiga Vila de Bragança, para uma identidade social que congrega vários horizontes (étnico-sociais), em torno de uma Irmandade religiosa, bem como apreender o significado social, hoje, dessa mesma identidade por parte dos atores sociais, constitui a base de nosso estudo.

PALAVRA-CHAVE: Etnicidade, Identidade étnica, Cultura Popular, Irmandade Religiosa, Questão Negra.

RELIGION AND ETHNICITY IN THE POPULAR CULTURE: The "Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança - Pará - Brasil"

ABSTRACT: This paper aims to draw up the history of the Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, founded in 1798,

* A versão original do presente projeto de pesquisa foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a elaboração de nossa dissertação de Mestrado sob a orientação de Ari Pedro Oro.

looking for its political strategies and space, in order to build and maintain its historical ethnical identity, nowadays maintained as social identity. It is aimed too, to capture the meaning of the movement from one supposed ethnical awareness furnished by the first negro slaves of the ancient Vila de Bragança to social identity - with many different ethnical and social horizons - around a religious brotherhood. Finally, it is aimed to understand the contemporary social meaning of that identity to the social actors.

KEY WORDS: Ethnicity, Ethnical identity, Popular culture, Religious brotherhood, Negro question.

1 A PROPOSTA DE TRABALHO

Nosso objetivo de pesquisa neste trabalho pretende ser um estudo antropológico da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, procurando retratar a sua história e o seu contexto como um espaço político de sustentação de uma identidade étnica, num determinado momento de sua história e, mais recentemente, de uma identidade social. Privilegiaremos, portanto, como foco de nossas análises as questões da etnicidade e da identidade, como conceitos afirmativos de uma diferença, de uma consciência étnica ou social, do "nós" diante dos "outros". Nesse sentido, pretendemos com nossa pesquisa:

. Traçar o processo de construção e de sustentação de uma identidade étnica em torno da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (PA), procurando demonstrar a existência ou não de uma possível consciência étnica por parte do grupo pesquisado.

. Identificar o processo que determinou a passagem dessa consciência étnica para uma consciência de identidade social.

. Compreender, hoje, o significado social que os atores sociais dão a essa identidade, procurando ver de que forma manifestam-na, representam-na, usam-na no seu imaginário e nas suas práticas cotidianas.

. Aprender o significado simbólico da Irmandade do ponto de vista dos atores sociais, objetivan-

do responder, em última instância, a seguinte questão: por que o grupo afirma ou reconstrói a sua identidade social sob o manto dessa organização religiosa e não de uma outra qualquer?

2 IRMANDADES LEIGAS: na busca de um "novo olhar"

Os estudos feitos sobre irmandades leigas no Brasil, que conhecemos até o presente momento, incluindo o clássico trabalho de GALVÃO (1959), oscilam entre o enfoque sócio-assistencial (SCARANO, 1978), (BRAGA, 1987), dado por esses autores àquelas associações, ou entre o seu enfoque político dado por certos autores, porém, vendo-as como meros mecanismos de cooptação pelos grupos dominantes: uma forma de manifestação adesista, passiva e conformista das camadas inferiores, não a se formar entre elas uma consciência de classe e, por conseguinte, onde inexistiu uma consciência política (BOSHI, 1986, p. 156).

Em quase nenhum momento é contemplada a dimensão cultural, simbólica, desses espaços, sobretudo nas irmandades de pretos que longe de serem vistas como espaços de reidentificação, de reconstrução simbólica de uma resistência, enfim, como espaços políticos de sustentação de uma identidade étnica ou de uma identidade social dentro de um novo contexto, são vistos como espaços privilegiados de dominação. Esquece-se que a história das irmandades de pretos, constituiu-se e constituiu-se, ainda, em um jogo, em uma estratégia dupla de disputas: ao mesmo tempo que articulam a promoção do negro, e consequentemente a formação de uma elite de cor e que tende a dominar os próprios "irmãos", essas ir-

mandades tornam-se nos principais órgãos articuladores na manutenção de sua identidade étnica e social dos seus irmãos negros escravos, reordenando elementos culturais de origem, ressignificando-os, reapropriando-se de novos elementos simbólicos na tentativa de expressarem uma diferença, ainda que como grupos dominados. Muitas dessas irmandades desapareceram. Outras subsistiram às intempéries do tempo, metamorfosearam-se como condição da sua própria existência.

Pretendendo lançar um "novo olhar" para o estudo das irmandades leigas, como a do Glorioso São Benedito de Bragança, é que procuraremos apreendê-la não apenas por um dos níveis do social mas de e por todos os ângulos possíveis, objetivando com isso compreender os mecanismos que culminaram com a sua criação, a sua posterior sustentação, como espaço político de afirmação de identidade étnico-social, os interesses a que serve, bem como o sentido que preenche em seu contexto sócio-cultural.

Nosso objeto de pesquisa justifica-se, portanto, dentro de uma preocupação teórica que procura contribuir para uma aproximação maior das abordagens, até agora feitas, sobre o discurso das irmandades, tentando mostrar, por exemplo, que no plano da cultura as oposições entre o saber e o poder, longe de serem excludentes, eles se interpenetram, num mesmo campo simbólico de disputas.

Como justificativa de ordem prática acerca de nosso objeto de pesquisa, destacamos a contribuição, que a referida pesquisa, uma vez executada, venha a trazer não apenas à cidade de Bragança e à região bragantina, mas também ao Estado do Pará, na medida em que possibilitará uma reflexão mais ampliada sobre a formação histórica da sociedade re-

gional, através da religião e da produção cultural de um grupo social e sua articulação com a sociedade nacional. A inexistência de trabalhos de cunho analítico-antropológico, acerca de nosso objeto, justifica por certo o nosso projeto de pesquisa.

Por outro lado, a preocupação em estudar uma irmandade religiosa dentro da perspectiva da produção cultural é uma primeira tentativa nossa de pensar um pouco a cultura regional, em especial a do Estado do Pará, interesse que mantemos desde 1986.

3 DISCUTINDO CONCEITOS

Nós pensamos por conceitos. Como afirmou **DURKHEIM** (1973, p. 235) certa vez, "é por eles que as inteligências humanas se comunicam". Nesse sentido, noções como as de identidade, etnicidade, bem como as de cultura popular ou de catolicismo popular longe de se constituírem em essências irredutíveis devem ser entendidas, num primeiro plano, como construções sociais, isto é, como resultados de um processo de arranjos e rearranjos culturais e simbólicos com vistas a produzirem determinados sentidos, capazes mesmo de expressar o universo simbólico de um determinado grupo social.

Pertencendo a um mesmo campo semântico de significado - o das representações sociais - esses conceitos se constituem em canais privilegiados para a compreensão dos valores que são criados e recriados no imaginário dos atores sociais objetivando estabelecer limites, isto é, marcar uma diferença.

Essas rápidas considerações servem para apontar que a identidade como símbolo dessa diferença,

encontra-se presente no cotidiano e no imaginário dos atores sociais. Nesse sentido, não é difícil perceber que nas nossas práticas sociais cotidianas sustentamos inúmeras identidades, quando interagimos com outras pessoas, grupo, etc., cabendo apenas aos atores sociais fazerem o reconhecimento social dessa diferença.

Efetivamente que ao tratarmos da noção de identidade social, onde a identidade étnica é um caso particular, devemos reconhecer que a mesma está diretamente ligada à noção de pessoa, como "idéia, como categoria ideológica, uma representação social" (**BRANDÃO**, 1976, p. 27). Nesse sentido, aliás, os estudos de **MAUSS** (1974) sobre a noção de pessoa revelam, não tratar-se de noção inata do espírito humano, de algo natural, a priori. Ao contrário, é uma construção histórica, cultural, simbólica.

Segundo **BRANDÃO** (1986, p. 33) trata-se de "uma construção cultural e a amplitude de seu sentido de liberdade-individualidade-universalidade varia de sociedade, de época para época na história de uma mesma sociedade. Em qualquer uma delas, no entanto, prossegue o autor citando Carneiro da Cunha, 'ela nasce no solo fértil das representações empíricas do ser humano enquanto inserido no grupo'. (**M.C. CUNHA** ap. **BRANDÃO**, 1986, p. 33).

Nesse sentido, a identidade como uma realidade que é permanentemente reconstruída, refeita, para usar uma terminologia de **LÉVI-STRAUSS** (1977, p. 331), é um fenômeno que "emerge da dialética entre indivíduo e sociedade" chegando mesmo a se confundir com a própria idéia de pessoa ela efetiva-se por meio da oposição e do confronto (**OLIVEIRA**, 1976, p. 43-44). Este mesmo autor fala-nos de uma "identidade contrastiva", que corresponderia a uma afirmação do "nós diante dos "outros".

Segundo, ainda **BRANDÃO** (1986, p. 42) as identidades "são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com outro, por se ter de estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aquelas que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento da diferença". (grifo do autor).

Assim, podemos compreender que as identidades dos atores sociais são construídas em situações, na teia de relações sociais, entre agentes sociais, grupos ou classes sociais, como resultado de um trabalho interativo, de um saber e de um poder, onde as pessoas procuram dar formas e significados às suas representações. Isto resulta da necessidade imperiosa da luta pela própria necessidade de sobrevivência incluindo-se nesta luta, segundo **BRANDÃO** (1986, p. 43) "os símbolos" que preservam uma identidade de minoria, de dominado, mas de qualquer modo uma identidade própria" (grifo nosso).

Temos presente já em nossa discussão uma preocupação que objetiva desfetichizar a noção de identidade como essência, como algo portador de alguma substancialidade.

Mas se a identidade se funda numa diferença, qual seria a base desse processo? Como se constrói, efetivamente, uma identidade? Diríamos, num primeiro momento, que uma identidade se sustenta nos rituais. Estes funcionariam como elementos formadores da identidade. Neles teríamos duas coisas operando: o nível do simbólico e o nível da produção. Neste sentido, como elementos mediadores de uma identida-

de, os rituais se caracterizariam pela capacidade que têm de mobilizar coisas, de explicar e contar uma série de coisas. É nos rituais que são introjetados os valores culturais do grupo.

O processo ritual (**TURNER**, 1974), como dramatização da sociedade que o vivencia, nada mais seria do que codificações, regras, onde as pessoas dizem quem são, como são, porque são e cuja trama dessa operacionalização constitui-se na trama da própria organização da cultura.

Para **GEERTZ** (1978, p. 24) "a cultura, ao contrário do que pensa **CANOLINE** (1983), não causa, ela é um contexto" que permite entender o que está acontecendo. Mas o que está acontecendo no universo dos grupos populares? Em que medida podemos compreender o significado de suas práticas e com isso penetrar no universo social dos atores sociais evitando cair nos reducionismos da "estratégia de sobrevivência", na da "resistência" ou no da denúncia de suas misérias!

MAGNANI (1984, p. 21-30) partindo da análise da prática circense desenvolvida nas periferias de São Paulo procura mostrar como se dá o processo de recriação dos "estoques simbólicos" de que os grupos populares são portadores, uma vez colocados frente a um "mundo dado". Entende o autor que, "antes de concluir pelo caráter conservador (típico dos folcloristas), ou contestatório das manifestações de culturas e entretenimentos populares, é preciso estar atento para os significados de que estão revestidos.

Ao tentar, portanto, recuperar o discurso e as práticas cotidianas desses grupos, **MAGNANI** (1984) mostra com bastante propriedade que em cada contexto ou estrutura organizacional tem-se operado uma combinação de fatores, de situações, de estratégias

(políticas) que se interpenetram. É o campo das ambivalências. E o cotidiano como prática faz sentido na medida em que produz significados diferentes para contextos diferentes. As culturas populares seriam para esse autor, uma grande bricolagem, pela capacidade que têm de juntar coisas, de agrupar elementos diferentes, o que não tiraria a possibilidade de "verossimilhança" ao juntarem elementos aparentemente ambíguos e contraditórios, desses grupos populares construir a sua própria linguagem, o seu próprio discurso.

Sendo a esfera da cultura a esfera do social cabe-nos perguntar se poderíamos pensar esse social descolado de uma relação de dominação e subordinação entre grupos ou categorias sociais.

Neste sentido, como um processo permanente de recriação de reinvenções simbólicas, parece ser impossível pensar a cultura independentemente das condições de vida de seus portadores, no interior de uma sociedade atravessada pelas relações de poder (MAGNANI, 1984, p. 19-20). Este fato, aliás, aponta para a importância que se deve dar à análise da dinâmica cultural na sociedade moderna, nos termos propostos por DURHAN (1980).

Se tomarmos, portanto, o conjunto dessas práticas de grupos populares como formas de representação que são permanentemente ritualizadas, encontraremos, por sua vez, dentro das práticas do catolicismo popular um elemento privilegiado dessa representação. Segundo GUITARÊS (1973) a ação ritual corresponderia a um meio de expressão de significados sociais, que efetivaria o equilíbrio das relações entre os homens e os santos, adquirindo mesmo um caráter cosmicizante, onde o ritual teria por função o fortalecimento dos valores da sociedade e do grupo religioso ou possibilitando a recriação de

NOVOS valores.

Vimos assim, como na dinâmica de construção de identidade temos vários níveis de significado operando ao mesmo tempo: o da cultura popular, o nível do ritual (sagrado/profano), o da religiosidade popular. Se a cultura, como afirmou Brandão certa vez, não é importante pelo que ela diz, mas pelo que ela faz, a mesma coisa poderíamos dizer acerca da noção de identidade. Neste sentido, ficaremos com LÉVI-STRAUSS (1977, p. 332) que ao se indagar sobre como formular a noção de identidade ou de como resolver o seu problema, assim se manifestou: "(...) ce serait dans la voie opposée à celle d'un substantialisme dynamique; ce serait en considerant que l'identité est une sorte de foyer virtuel auquel il nous est indispensable de nous référer pour expliquer un certain nombre de choses, mais sans qu'il ait jamais d'existence réelle".

Isto posto, é necessário, agora, discorrermos um pouco acerca da noção de identidade étnica, um caso particular de identidade social.

A construção de uma identidade étnica supõe, em primeiro lugar, a existência de um grupo étnico, capaz de elaborar um discurso que se caracterize pela autoadescrição e adscrição pelos outros no processo de relação social. Esse discurso pressuporia mesmo a existência de uma consciência étnica, de uma afirmação da diferença do "nós" por oposição aos "outros". É a chamada "identidade contrastiva" de que fala OLIVEIRA (1976, p. 5) já mencionada em outra ocasião.

Nas inúmeras abordagens sobre grupos étnicos alguns autores privilegiam essa diferença, como mecanismo de auto-afirmação, porém, com ênfase na dimensão cultural. Isto é, grupos étnicos seriam aqueles grupos portadores não apenas de uma identi-

dade própria, mas também de uma cultura própria (BRANDÃO, 1986).

Segundo Friedrich Barth, grupo étnico "são formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros, constituindo uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem" (F. BARTH, ap. CUNHA, 1986, p. 116).

Seguindo nas esteiras de BARTH, a antropóloga Manuela Carneiro da CUNHA (1986, p. 94) considera grupos étnicos como sendo "formas de organização que respondem às condições políticas e econômicas contemporâneas e não vestígios de organizações passadas". Percebe-se a ênfase que a autora dá à dimensão política da questão e não à cultura, embora esta entre de forma essencial na etnicidade. O grupo étnico existiria por uma ordem interna, política. Como assinala ainda a autora "a cultura portanto, em vez de ser um pressuposto de um grupo étnico é de certa maneira produto deste" (CUNHA, p. 116). Logo, a cultura não determinaria a identidade étnica do grupo, mas funcionaria como um arsenal de símbolos que seriam reinventados e manipulados para novos fins. Nesse caso, a cultura passaria por um processo de reinvencão permanente, ao passo que a identidade persistiria.

Assim, se a cultura é definida pela etnicidade, constituindo-se o que se poderia chamar de uma "cultura da diferença, deve-se reconhecer, no entanto, que ela permanece, de forma irreduzível, e logo essencial, na sustentação dessa mesma identidade étnica.

Sendo o grupo étnico, então, uma "forma de organização política", o que lhe caracteriza enquanto grupo é a presença de origem e tradições culturais comuns, usadas para revestir a noção de etnicidade,

devendo ser vista em relação, em processo de interação permanente, de forma quase axiológica.

BRANDÃO (1986, p. 154) reconhece a etnicidade como um elemento de diferenciação a partir de uma consciência crítica que o grupo faz de si para evitar a perda da sua organização cultural. Porque, como afirma o autor "uma identidade qualquer só se torna ativamente presente na consciência e na cultura de sujeitos e de um povo quando eles se vêem ameaçados de perdê-la". (grifo nosso).

Se existe, portanto, a tendência de ser enfatizada uma identidade qualquer a partir de um momento de crise, este parece ser o momento oportuno para perguntarmos sobre que tipo de consciência foi construída pelos negros que se circunscreveram em torno dos espaços das irmandades religiosas, entre as quais a do Glorioso São Benedito de Bragança (PA), face à violência cultural a que estavam submetidos como grupos dominados. Porque sendo as histórias dessas irmandades uma trajetória de lutas e de estratégias políticas, duas coisas parecem estar bem marcadas em suas trajetórias: por um lado promovem o negro e o próprio grupo religioso, o seu pertencimento a ela implicando critérios étnicos - a cor, por exemplo - buscam um posicionamento na sociedade envolvente, um sentido de autoadscrição e adscrição pelos outros, e, por outro, funcionam como espaços de reelaborações e de invenções de tradições, a partir de tradições culturais de origem, que são reinterpretados, agora, já dentro de um novo contexto.

Vemos assim, que tanto num caso como noutro, a estratégia a ser seguida, ou melhor, a "força do sentido" são as mesmas: a de sustentar uma identi-

dade para manter uma diferença.

4 IDENTIFICANDO PROBLEMAS E LEVANTANDO HIPÓTESES

Tendo como objetivo explicar a especificidade de uma irmandade religiosa - a do Glorioso São Benedito de Bragança - em torno da qual se construiu uma identidade étnica sustentada por escravos, num dado momento de sua história, e o seu processo de transfiguração numa identidade social, consideramos oportuno levantar algumas questões, que nos possibilitarão um melhor direcionamento da análise:

1. Considerando que as antigas irmandades leigas não foram criações espontâneas dos negros, como explicar sua popularidade, a adesão por parte dos negros a essas organizações como a de São Benedito de Bragança? Qual o elemento mobilizador dos negros para essa irmandade?

2. O que explicaria a especificidade dessa irmandade religiosa como um espaço privilegiado de afirmação de identidade?

3. Se os negros eram portadores de uma consciência étnica, isto é, constituíam um grupo étnico, como explicar a passagem ou perda dessa consciência étnica para a sustentação de uma identidade social, mais abrangente, constituída de vários horizontes étnico-sociais, em torno da mesma organização religiosa?

4. Quais os sinais diacríticos utilizados nos dois momentos da história da irmandade do Glorioso

São Benedito de Bragança, como demarcadores de suas fronteiras simbólicas (étnicas e sociais)?

Feitas essas considerações, podemos levantar algumas hipóteses na tentativa de salvar nossa conduta, bem como de adiantar questionamentos.

1. Estando os negros inseridos no contexto da "ideologia da cristandade", que lhes obrigava necessariamente o tornarem-se católicos, ingressam no catolicismo, através das irmandades de cor, portanto aproveitam esses espaços de forma duplamente articulada: fazem a sua promoção através da religião do branco e reinterpretem os seus valores culturais de origem de forma a recuperar um sentido de grupo, o de uma consciência étnica, enquanto grupos dominados.

2. Numa sociedade marcada pela dominação econômica e política, onde os agentes sociais estão sempre a procura de um referencial, de uma segurança, a Irmandade, através do seu espírito assistencial parece preencher esse vazio, porque os seus membros acreditam que uma vez pertencendo a ela, sentem-se seguros e sua atitude uma estratégia de acesso e de posicionamento na sociedade envolvente.

3. Os negros não eram portadores de uma consciência étnica devido a intensa manipulação a que estavam submetidos por parte do grupo dirigente, visto que a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança transformou-se em Sociedade Civil, abolindo o referencial étnico, como condição para a manutenção da tradição e conseqüentemente das formas de

controle e dominação políticos.

4. A Festa de São Benedito celebrada anualmente através de diferentes rituais, se constitui em espaço privilegiado de afirmação de identidade social, porque seus participantes acreditam que celebrando a memória de seu santo, aquele que melhor entende os seus problemas, através da devoção e da dança, vêm nesses momentos uma forma de posicionamento na sociedade.

5 O TRABALHO DE CAMPO

Não existe antropologia sem pesquisa de campo. E pesquisa de campo é démarche. Nesse sentido nada melhor num trabalho de pesquisa do que começar pela própria identificação do espaço geográfico e temporal onde pretendemos trabalhar.

Assim é que traçaremos inicialmente o mapeamento sobre a distribuição organizacional do espaço geográfico, da cidade de Bragança, objetivando identificar os diferentes grupos religiosos (Igrejas católicas, Irmandades leigas, Igrejas protestantes, Centros espíritas, terreiros de umbanda); associações políticas (partidos políticos), esportivas, recreativas ou beneficentes; órgãos públicos; etc., procurando ver como aparece nesse contexto a própria Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Essa primeira preocupação metodológica se constitui não apenas numa forma de buscarmos informações preliminares em nosso trabalho de pesquisa, mas de nos possibilitar uma certa eficácia com os dados já coletados que poderão ser utilizados na

démarche de nosso projeto. O objetivo maior dessa preocupação é de dois tipos: Primeiro, o de nos possibilitar ver num momento inicial as possíveis redes de relações sociais existentes entre esses grupos, o seu grau de autonomia e/ou subordinação frente a outros grupos e entre os seus respectivos membros, bem como as forças sociais que estão presentes nesses espaços e com isso evitar que fiquemos apenas nas entrevistas. Segundo, o intento de formalizarmos um conhecimento prévio acerca da realidade com a qual iremos trabalhar. Fazer, enfim, uma espécie de etnografia "iniciática" sobre o espaço onde o grupo objeto de nossa pesquisa está situado (desde a composição social dos diferentes bairros, históricos do seu povoamento, critérios de ocupação, etc.) para depois nos determos especificamente sobre os espaços da Irmandade em estudo, utilizando-nos de uma metodologia mais ou menos semelhante.

Uma vez situado ou construído o contexto da produção cultural do grupo e reconhecendo que a prática antropológica exige uma descrição densa, é que procuraremos levantar o máximo de informações possíveis acerca das práticas sociais e cotidianas dos atores sociais integrantes da Irmandade. Analisaremos as suas redes de relações sociais: com a diretoria da Irmandade, desta com o clero, ou com outras associações religiosas, entre os próprios "irmãos", suas práticas religiosas, suas participações nos rituais ou cerimoniais objetivando captar o significado simbólico de suas práticas sociais, e compreender o significado de suas participações nos rituais, em função das suas práticas cotidianas. Tentaremos fazer uma espécie de decifragem, na tentativa de aproximarmos-nos desse ethos "por dentro" e não ficar apenas na denúncia da miséria ou na

reificação do folclore. Pretendemos também acompanhar os três diferentes ciclos de rituais religiosos caracterizados pela prática da esmolação do santo, isto é, das folias, realizadas de junho a dezembro. Isto exige deslocamento aos municípios limítrofes a Bragança, indo alguns às fronteiras do Estado do Maranhão. Quanto aos rituais públicos celebrados nas imediações do espaço da Irmandade, também serão por nós descritos. Os preparativos da festa, as reuniões, o "almoço" nos dias de festa, a dança, serão, portanto, objeto de minuciosa observação onde procuraremos apreender tais espaços como uma dimensão do saber, mas também como núcleos de conflitos e de hierarquias, num jogo de poder que permearia tais práticas, bem como identificar as estratégias de seus membros. Procuraremos perceber tais rituais, enfim, como verdadeiros suportes da sustentação da sua identidade social.

Temos consciência, por outro lado, que essa percepção estará prejudicada se não ocorrer uma relação dialética, uma espécie de "ir-e-vir" contínuo, um envolvimento, uma empatia, um "encontro de subjetividades" entre o pesquisador e os atores sociais que deverão estar como pesquisados. Como assinalou **GRENONDE** (1983), "o antropólogo não está só" e chegando mesmo a falar da necessidade de uma "cumplicidade" como garantia de uma intimidade entre o etnólogo e seus "pares".

Não obstante, reconhecemos que a noção de alteridade é uma coisa que está presente em qualquer projeto de pesquisa: como pesquisador nós sempre se-remos o outro. Portanto, na prática de nossa pesquisa, estaremos convivendo com aproximações e distanciamentos, estaremos nos desdobrando, provocando o que Alba Zaluar chamou de "a festa da antropologia".

A observação participante se constitui numa estratégia básica a ser seguida em nosso trabalho, embora reconhecendo que não seja a única. Entre as técnicas a serem seguidas na observação participante temos as entrevistas em profundidade, histórias de vida, objetivando captar as diferentes versões que os atores sociais têm em relação às suas experiências como membros da Irmandade, participantes da festa, etc.

Daremos grande importância a todo e qualquer tipo de documentação: iconografia, fotos antigas, álbuns, registros paróquias, arquivos eclesiais, documentos oficiais e particulares que pudermos dispor, com vista a nos possibilitar um esclarecimento e uma melhor compreensão acerca da história da Irmandade.

Contemplaremos, também, a interdisciplinaridade da pesquisa bibliográfica: leitura de textos históricos e literários clássicos em geral, e textos históricos mais específicos acerca de nosso objeto, visando com isso recuperar o surgimento da Irmandade na região, a sua "entrada no lugar", o seu desenvolvimento e a sua permanência espaço-temporal. Consulta a jornais antigos, do século passado, que informem alguns aspectos relacionados à nossa pesquisa ou mesmo periódicos editados por associações negras no Estado do Pará; consulta aos Códices; relatos de cronistas e viajantes.

Visitaremos a nível estadual a Biblioteca Pública, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, os arquivos das paróquias da cidade de Bragança e de Belém, bem como os arquivos da Irmandade, para manuseio de fontes primárias e secundárias sobre o objeto de nossa pesquisa. A nível Nacional, dentro do possível, pesquisaremos nas instituições onde possamos conseguir documentação que venha a nos

esclarecer alguns aspectos de nossa pesquisa, sobre tudo no que diz respeito à sua história.

Dada a delicadeza em que os ânimos se encontram em Bragança entre bispo e Irmandade, na pessoa de seu procurador, tememos não ter acesso imediato a esses espaços para manuseio dos estatutos, compromissos, livros de atas, etc. Assim, caso isso seja concretizado, é nosso interesse, na medida do possível, também, viajarmos até Portugal para pesquisarmos em fontes primárias junto ao Arquivo Histórico Ultramarino, ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, à Academia das Ciências de Lisboa e à Biblioteca Nacional. Nesse sentido, é nosso interesse encaminhar nosso projeto de pesquisa à Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa sobre a possibilidade de conseguirmos acesso à pesquisa naquelas instituições.

Como forma de possibilitar uma maior sistematização de alguns dados, contrataremos um auxiliar de pesquisa, junto à nossa universidade, para atuar também nos serviços eventuais da pesquisa. A documentação sonora e fotográfica será também por nós utilizada com vistas à coleta de dados. Utilizaremos cadernos pequenos nas nossas observações diárias e de maior porte quando das transcrições de notas pós-campo, além de fichamento e análise dos dados. O relatório distributivo das nossas atividades é um procedimento que não poderá faltar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSHI, Caio Cesar. Os leigos e o poder. São Paulo, Ática, 1986.
- BRAGA, Júlio Santana. Sociedade protetora dos desvalidos - Uma irmandade de cor. Salvador, Ianna, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Identidade e etnia. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CANOLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil. São Paulo, Edusp/Brasiliense, 1986.
- DURHAN, Eunice. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Arte em Revista. (3), 1980.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens. Brasileira, 1959.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GRENONDE, Pierre e Françoise. Le Bourdon et la fleur Sauvage. XI^e Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques, Quebec Vancouver. Canadá, 1983.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. A lógica do Catolicismo popular. Rio de Janeiro, Dados, 1973.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. O totemismo hoje. Lisboa, Edições 70, 1986.
- MAGNANI, José G.C. Cultura popular: controvérsias e perspectivas. In: O que se deve ler em Ciências Sociais, São Paulo, Cor tez, 1987.
- _____. Festa no pedaço; cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Edusp/EPD
2 v. 1974.

OLIVEIRA, R.C. de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira, 1976.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

SILVA, Armando Bordallo da. Contribuição ao estudo do folclore amazônico em zona bragantina. Belém, Falangola, 1981.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.

É TEMPO DE NEGRO*

O Centenário e as notícias na imprensa

Maria Angélica Motta **MAUÉS**
Departamento de História e Antropologia da UFPA.

RESUMO: Breve etnografia do debate da questão racial, reproduzido pela imprensa no ano de 1988 - ano do Centenário da Abolição. Procura destacar e analisar, sucintamente, as formas de pensar a questão e as imagens do negro que a matéria referida apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Negro, Questão racial, Ritual, Ideologia, Etnografia.

IT IS TIME OF BLACK

The Century from slaves liberty and the press

ABSTRACT: This paper is a short ethnography of press reproduced debate on racial issue in the year of 1988 - year of the Century of Slaves Libetration. the aim is to pick up and analyse briefly the ways people thinks the question and the negro image presented there.

KEY WORDS: Negro, Racial question, Ritual, Ideology, Ethnography.

* Trabalho apresentado no 12º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, no Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil". Águas de São Pedro - São Paulo, 1988.